

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PLURILÍNGUE PARA ALUNOS SURDOS

Alexandre Ferreira de Souza Junior¹
 Wellison de França Conceição²
 Ingrid Lara de Araújo Utzig³
 Stephanie Caroline Alves Vasconcelos⁴

RESUMO: Os alunos surdos brasileiros desde sempre vem enfrentando problemas com seu aprendizado nas escolas, muitos deles não conseguem nem mesmo aprender a sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais, a fim de poderem se comunicar com outros. Por outro lado, o ensino de outras línguas, como por exemplo o Inglês, não somente é obrigatório nos currículos escolares, como também é um direito de todos aprenderem. No entanto, como pode um aluno surdo aprender uma língua adicional dentro de um ambiente onde as metodologias não são adequadas? O principal objetivo desse artigo é discutir sucintamente alguns problemas encontrados por esses alunos nas escolas regulares de Educação Básica. Damos luz sobre esses fatos e também procuramos algumas reflexões para avançar nessas metodologias. Esta pesquisa exploratória de caráter qualitativo coletou dados a partir da entrevista estruturada, de dois participantes surdos, sobre suas experiências como estudantes e educadores da área de línguas, entender suas dificuldades e colher suas reflexões para o ensino de Língua Inglesa para alunos surdos no Brasil. Os dados apontam que as metodologias inadequadas no ensino de línguas dificultam a aquisição e desenvolvimento dos alunos surdos por falta de recursos didáticos e metodológicos, pela formação dos docentes não considerar a diversidade dos alunos e pela escassez de políticas públicas na educação.

Palavras-chave: Surdos. Ensino de Língua adicional. Problemas metodológicos.

ABSTRACT: *Brazilian deaf students have always been struggling with learning while they are in school, many of them can not even learn their own language, the Brazilian Sign Language, so that they can develop good communication with others. Otherwise, the teaching of other languages such as English for instance, is not just mandatory in the schools' syllabus but also a right of all to learn it. However, how can a deaf student learn a foreign language in an environment where the methodologies are not suitable for them? The main goal of this article is to briefly discuss some of the problems found by these students in schools of basic education. We gave some light over these facts and also looked for some thoughts to update these methodologies. Our exploratory research with qualitative nature collected some data from a structured interview with two deaf participants about their experience, both as students and teachers in the language area, to understand their struggles and collect their thoughts on teaching of the English language to deaf students in Brazil. The collected data point that the unsuitable methodologies in language teaching make the acquisition and the*

¹ 1 Formando em Licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/UAB). E-mail: alex_juniorj@hotmail.com

² 1 Formando em Licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/UAB). E-mail: wellisonfranca1992@hotmail.com

³ Orientadora. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista em convênio com a UNIFAP. Especialista em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) e Licenciada em Letras/Inglês pela UNIFAP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP - Campus Macapá). E-mail: "ingrid.utzig@ifap.edu.br".

⁴ Coorientadora. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Macapá. Licenciada em Letras Portugêses e Inglês. E-mail: ste.caroline@gmail.com

student's development pretty hard because of the lack of didactic and methodological resources, also the training of teachers do not take in consideration the students' variety and the public policy in education.

Keywords: *Deaf. Language teaching. Methodological issues.*

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que temas como diversidade e inclusão estão em crescente reconhecimento em nosso país e são cada vez mais notórias questões sobre pessoas surdas⁵ especificamente. Temos como exemplo o Projeto de Lei 2403/22, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir conteúdo da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos currículos da educação básica. O projeto, redigido por Carlos Veras, em entrevista à Agência Câmara de Notícias, enaltece o direito do aluno surdo estudar a Libras como língua adicional. Segundo Schlatter e Garcez (2009, p. 127) “essa língua adicional não é a segunda, pois outras línguas estão presentes, como é o caso das comunidades surdas, indígenas, de imigrantes e de descendentes de imigrantes”.

A LDB separa um capítulo apenas para a educação bilíngue de surdos (LDB - Lei 9.394, de 1996), modalidade de educação escolar oferecida em Libras, como língua materna, e em português escrito, como língua adicional, em classes e escolas bilíngues de surdos.

Trabalhando como intérpretes de Libras e acompanhando passo a passo alguns alunos surdos desde de sua alfabetização até o Ensino Médio regular, observamos da comunidade escolar como um todo, a falta de preparo e abertura tanto de professores quanto da coordenação pedagógica no que diz respeito à metodologia e aceitação da Língua Portuguesa como língua adicional para alunos surdos e da Língua Inglesa como adicional de modalidade escrita somente. Como citam Vaz e Brito (2021), existe escassez de materiais sobre gêneros textuais produzidos em Libras ou em Língua Portuguesa como língua adicional, ou até mesmo de materiais que permitam sua adaptação ao tema e à metodologia proposta. Por diversas vezes, vimos ser sugerido e até mesmo forçado que alunos surdos não participassem de aulas na língua adicional (Inglês ou Espanhol). Havendo essas lacunas e falta de conhecimento e preparo até mesmo para o ensino da Língua Portuguesa como língua adicional, quais os desafios encontrados e as estratégias que podem ser aplicadas no ensino da Língua Inglesa

para os alunos surdos? Como garantir para os alunos surdos uma segunda língua adicional no currículo, como o Inglês ou Espanhol? De maneira resumida, essas questões seriam melhor tratadas se os professores dentro de sala de aula tivessem pelo menos o mínimo de domínio da Libras, dessa forma a comunicação se tornaria mais clara.

Tendo esses questionamentos e sugestões em mente, o objetivo geral de nosso artigo é refletir, a partir da Cultura Surda, quais são as principais dificuldades dos alunos surdos ao aprenderem um outro idioma, em especial a Língua Inglesa, dentro de sala de aula, levando em consideração que esses alunos, ou pelo menos parte deles, são acompanhados por intérpretes. Como objetivos específicos, procuramos entender a cultura surda, refletir formas de ensino que possam se adaptar aos alunos surdos para facilitar o aprendizado deles e para isso coletamos dados, a partir da entrevista, de dois participantes surdos, que aceitaram responder a nossa pesquisa. Ambos já são formados e possuem experiência como *ex*-alunos, do ensino básico e curso de inglês, e atualmente são professores universitários na área de linguagem.

O ensino e a aprendizagem de língua adicional de alunos surdos no Brasil apresenta diversos desafios, sobretudo no que tange à ausência de profissionais certificados, na falta de materiais didáticos à disposição do professor e em poucas pesquisas existentes sobre o ensino de línguas adicionais para surdos. Analisando dados com base em autores como Lacerda, Santos e Caetano (2014), Sousa (2014) e Almeida Filho (1993, 2009), sugeriu-se que há dois importantes eixos na metodologia de ensino de uma língua adicional para alunos surdos: a visualidade e o paralelo entre línguas e a importância de recursos como as imagens, vídeos e filmes, a utilização da lousa, tabelas, mapas conceituais, dicionários ilustrados, maquetes, tecnologias digitais e escritos no caderno e no Livro Didático (LD). A inserção dos alunos surdos no espaço escolar dos ouvintes e a presença de um intérprete de Libras em sala de aula não são inclusões apropriadas se também não lhes for permitido o acesso aos recursos metodológicos que poderiam facilitar o seu aprendizado (ROSA, 2006; LACERDA, 2006).

REFERENCIAL TEÓRICO

Diversos autores comentam e estudam os desafios que cercam o processo de ensino-aprendizagem de línguas para pessoas surdas. Este desafio começa na aquisição da Língua Portuguesa como língua adicional, e se torna ainda maior no ensino de outras línguas adicionais, como o Inglês. A LDB define a educação bilíngue como direito dos surdos, onde a Língua Portuguesa deve ser adquirida de forma escrita como língua adicional (Lei 14191,

2021). Sobre isso, Quadros e Schmiedt (2006, p. 20) afirmam que “o fato de o processo de aquisição da linguagem ser concretizada por meio de línguas visuais-espaciais exige uma mudança nas formas como essa questão vem sendo tratada na educação de surdos”. Vaz e Brito (2021) citam sobre a escassez e necessidade de produção de materiais didáticos a fim de contribuir neste processo. Spasiani (2018) aponta a raiz do problema, quando cita que

o profissional formado em Letras, habilitado tanto em língua estrangeira quanto materna para os cursos de licenciatura bilíngue, apesar de ter estudado as teorias gerais de aprendizagem, teve sua formação focada em alunos ouvintes, tendo pouco contato com as questões da surdez, contato esse possibilitado apenas na disciplina de LIBRAS na graduação, que ainda traz uma visão de língua e cultura surda bastante superficiais. (p. 16)

Desta forma, torna-se imprescindível a necessidade de aprimoramento e capacitação por parte dos docentes de Língua Inglesa para uma educação mais efetiva de pessoas surdas, levando em consideração suas limitações, potencialidades e direitos. Conforme cita Capovilla (2011), “a educação do surdo deve se dar em seu idioma materno (isto é, Libras) e por meio dele. Além disso, a criança deve ter acesso a uma comunidade escolar sinalizadora onde possa aprender todo o conteúdo escolar em LIBRAS”. Como apoio a este complexo processo de ensino-aprendizagem, diversos autores como Strobel (2008) e Spasiani (2018) citam a importância de recursos visuais (como imagens, vídeos, filmes), recursos materiais (computadores, *tablets*, aplicativos e lousa) e recursos de acessibilidade comunicacional (intérprete de Libras e legendas). A presente pesquisa visa fazer uma revisão de literatura e sugerir alguns métodos práticos de ensino da Língua Inglesa para uma efetiva e especializada educação plurilíngue para alunos surdos.

METODOLOGIA

Foram utilizados como métodos primeiramente a pesquisa bibliográfica, através de revisão da literatura, e também uma pesquisa exploratória com o objetivo de entender mais sobre o assunto. Excetuando-se a pesquisa bibliográfica, as demais pesquisas se darão através de entrevista. Conforme citam Ávila e Mascarenhas (2011),

a técnica conhecida como entrevista é um dos procedimentos mais utilizados no trabalho de campo... Parte do pressuposto que são os sujeitos-objetos da pesquisa que, por viverem determinada realidade na qual o pesquisador busca conhecer, são os atores legítimos para poderem falar sobre determinados aspectos. (p. 49)

Foi feito o uso de questionário para avaliação mais objetiva por meio de entrevistas semiestruturadas. O objetivo dessas entrevistas é entender quais foram as maiores dificuldades desses participantes, enquanto alunos surdos durante seu período escolar, e quais as suas reflexões sobre maneiras, que ao ver deles, iriam otimizar o ensino aprendido da Língua Inglesa para alunos surdos. Essas opiniões são valiosas para o nosso estudo, pois os indivíduos participantes de nossa entrevista possuem experiência em sala de aula, tanto como alunos, quanto como profissionais da educação. Segundo Triviños (1987, p. 146), "podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas".

Foram realizadas duas entrevistas com profissionais surdos: uma presencial, no Rio de Janeiro, com uma doutoranda pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) com idade entre 40 e 50 anos e com experiência, como aluna surda, em escolas de ensino básico, tanto públicas como particulares, e cursos de idiomas. A outra entrevista foi virtual com um doutorando pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) com idade entre 30 e 40 anos com experiência como aluno surdo apenas em escolas públicas. O objetivo das entrevistas foi entender da forma mais plena possível quais são as dificuldades dentro de sala de aula enfrentadas pelos alunos surdos, tendo assim uma visão com propriedade do assunto e com reflexões de como os problemas podem ser resolvidos. A entrevista teve como base 25 perguntas que iam desde a experiência dos indivíduos como alunos surdos, perpassando pelo seu histórico como profissionais da área e questionamentos/sugestões para o aperfeiçoamento do ensino de outros idiomas para alunos surdos.

Tendo esses pontos em mente, desenvolvemos esse estudo para entender melhor o que acontece dentro das escolas e como podemos de alguma forma ajudar professores e intérpretes de Libras a melhorar o ensino de Língua Inglesa para alunos surdos.

A RELAÇÃO ENTRE A SURDEZ E A LINGUAGEM

Os surdos estiveram à margem da sociedade por muito tempo. Eram tratados como incapazes e considerados inaptos para casar, estudar, trabalhar e não tinham direitos básicos e fundamentais. Goldfeld (1997) afirma que, no decorrer da história a ideia sobre os surdos, feita pela sociedade no geral, mostrava apenas aspectos negativos, sendo que na antiguidade eles eram tratados com piedade e compaixão ou como pessoas castigadas, que deveriam ser

sacrificadas ou abandonadas. Através da história ficou evidenciado que essa proibição trouxe para os surdos dificuldades na escolarização e na socialização.

Hoje, entende-se que os princípios que regem o desenvolvimento das crianças surdas são os mesmos que regem o desenvolvimento das crianças ouvintes. O problema no desenvolvimento do sujeito surdo está na forma que ele vem sendo ensinado e educado no ensino regular. Tenta-se fazer ouvir aquele que não ouve. Trata-se de uma ação dirigida para o déficit e para pontos que pouco podem ser alterados. Parece difícil, ainda hoje, acatar estas ideias e buscar uma prática compatível com estes princípios (LACERDA, 1996, p. 45).

É comum que o ensino da linguagem esteja associado exclusivamente ao aprendizado da fala. Sendo assim, a linguagem passa a ser caracterizada como um trabalho de articulação da fala, buscando a perfeição na pronúncia correta dos sons, privando a criança surda de estabelecer relações concretas com o meio na qual está inserida. Dessa forma, o ensino da linguagem torna-se lento e árduo, com esforços conscientes do aluno surdo, contrários aos seus interesses e às relações reais. O ensino se apresenta técnico e resulta em ações desprovidas de sentido. A fala enquanto ato ou treino motor de pronunciar as palavras sem objetivo ou função, significa passar a representar um fim em si mesmo, não tem sentido sendo no ensino da Língua Portuguesa, Inglesa ou qualquer novo idioma oral.

ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS PARA SURDOS

Muitos são os pontos a serem mencionados quando tratamos das dificuldades de ensino de uma língua falada para alunos surdos. O primeiro ponto é, obviamente, o impedimento na audição, o que faz com que grande parte dos surdos tenham um vocabulário bem limitado na Língua Portuguesa e praticamente nulo na Língua Inglesa. Outro ponto que se torna um complicador é a falta de conhecimento da Libras e da cultura surda por parte dos professores de Inglês e de outros idiomas, o participante de Florianópolis ressaltou que no caso dele “o intérprete sempre fez muita diferença, porém nas aulas de inglês nunca foi de muita ajuda pois ele dominava apenas a Libras e não o inglês”, no caso do professor, ele também não sabia Libras. De acordo com Spasiani (2018), já citado, a formação desse professor contempla apenas o ensino de alunos ouvintes e no caso dos profissionais intérpretes, eles possuem apenas o conhecimento da Libras, não do Inglês, dificultando a adaptação do ensino de uma língua da qual pouco ou nada se domina.

Uma peculiaridade de sala de aula, que notamos durante nossos anos como intérpretes, é o preconceito, mesmo que velado por parte dos professores, segundo Goldfeld (1997) os surdos desde outrora foram colocados à margem da sociedade e isso infelizmente ainda se replica hoje em dia. Oliveira (2007) relata em sua pesquisa na rede pública de ensino algumas crenças reveladas por alguns professores:

“A diferença linguística entre surdos e ouvintes não é fator determinante para o processo de ensino/aprendizagem. Alunos de escola pública, surdos e ouvintes, não têm competência para aprender LE (inglês). O ensino de LE (inglês) para surdos é desnecessário, uma vez que estes alunos não são capazes de aprender nem mesmo a LP. Alunos surdos aprendem através de “treinamento”. Por não utilizarem a língua oral, os alunos surdos têm conhecimento de mundo limitado. A falta de vocabulário do aluno surdo impede a implementação de aulas de leitura. Alunos surdos não são capazes de desenvolver a habilidade de leitura em LE (inglês).” (OLIVEIRA, 2007, p. 173 – 174)

Essas crenças negativas comprometem o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Observa-se que dentro da sala de aula os alunos surdos em grande parte das aulas são deixados totalmente nas mãos dos intérpretes, pois os professores regentes não os assumem como seus alunos e a atenção e planejamento que deveria ser dedicado a eles acaba por não acontecer o que se torna uma barreira não só no ensino de língua adicional, mas em todas as outras disciplinas. É importante lembrar que o aluno surdo é responsabilidade do professor regente, o intérprete é apenas uma ponte de comunicação entre ambos, pois ele não é detentor daquele conhecimento específico, mas sim de Libras. Assim, quando o professor se nega a assumir o aluno surdo como sua responsabilidade, ele automaticamente está causando grande prejuízo no aprendizado desse aluno. Por muitas vezes, o professor pode usar como justificativa a sua falta de preparo, daí entramos em uma questão mais profunda que é a formação desse indivíduo como professor e até onde essa dita formação consegue realmente formá-lo.

Muitos professores esquecem que a língua materna de um aluno surdo não é a Língua Portuguesa e sim a Libras. Esse fator dificulta, pois as atividades, conteúdos, provas e todo e qualquer outro material usado sempre está apenas em Língua Portuguesa, sem nenhum tipo de adaptação para alunos usuários da Libras como Língua adicional. É importante frisar que o dever de adaptar os materiais é responsabilidade do professor regente, não do intérprete de Libras. Por fim, durante os anos de trabalho e observação dentro de sala de aula, percebemos que o maior impedimento para o aprendizado dos alunos surdos é a falta de domínio da Libras. Tais alunos, sem a fluência necessária de sua língua materna, sentem dificuldade para poder, a partir dela, adquirir uma ou mais línguas adicionais. Na maioria dos casos, a escola é

o único lugar onde o aluno surdo pode adquirir a Libras, pois nem mesmo em seu convívio familiar existem pessoas que dominam esse idioma. Sendo assim, a carência na alfabetização de alunos surdos em sua própria língua materna torna-se uma barreira para o aprendizado de qualquer outro idioma, por essa razão questionamos o quanto a inclusão ocorre de fato.

Podemos citar a Declaração de Salamanca, que representa um marco no discurso inclusivo, que defende o ensino regular frequentado por alunos com as mais diversas necessidades metodológicas. O mesmo documento, ao tratar do aluno surdo diz:

Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e a provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso à educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares (1994, p. 7).

Segundo esse documento, a língua de sinais tem que ser ensinada porque é importante para a comunicação dos surdos e lhes proporciona a possibilidade de uma interação com o meio social, oferecendo-lhes a oportunidade de trocar informações, o que inclui o aprendizado de outro idioma.

De acordo com os participantes entrevistados, algumas mudanças na metodologia de ensino poderiam ser feitas para melhorar o ensino para pessoas surdas. A participante do Rio de Janeiro disse que suas aulas eram monótonas, portanto ela esclarece que há a necessidade de as aulas serem mais chamativas e interessantes e isso pode ser feito pelo uso de jogos, filmes, personagens e etc. No caso da participante do Rio suas grandes dificuldades estavam nas aulas de música por exemplo, então essas aulas precisam ter adaptações para que sejam de utilidade para os alunos surdos. Essas observações são totalmente cabíveis, dentro de sala como intérprete, conseguimos ver que os alunos surdos se sentem abandonados pelos professores pois as atividades dificilmente chegam até eles com algum tipo de adaptação útil que realmente consiga passar algum conhecimento.

Ainda sobre as adaptações a serem feitas, o participante de Florianópolis também fez notas sobre o assunto. Ele deixou claro que é importante reconhecer que a Libras é uma língua visual, então, na opinião dele, a forma mais funcional de fazer adaptações é usando imagens. Segundo ele,

Os surdos trabalham com o visual. Na minha opinião, a melhor forma de trabalhar o inglês com surdos é por associação de imagem. Não fazer associação

entre português e inglês e sim associar Libras e inglês através de imagens. Com certeza esse tipo de associação tornaria o ensino-aprendizagem mais prático e efetivo (2023).

Interessante perceber que nessa fala entra novamente a necessidade de um professor que domine ambos os idiomas, ou talvez um intérprete que consiga ter algum conhecimento do inglês, isso certamente tornaria as aulas mais fluidas e as adaptações necessárias seriam mais diretas e com certeza com melhores resultados. Essas observações feitas estão de total acordo com falas de estudiosos já citados por nós, como Lacerda e Almeida Filho.

Nas entrevistas feitas, as questões citadas acima foram tidas como de suma importância pelos profissionais surdos participantes. Ambos entendem que a limitação dos professores na Libras se tornou um grande desafio para o aprendizado deles mesmos em sua jornada estudantil. A professora participante, ressaltou que o aprendizado pode ser bem melhor quando um professor que sabe Libras rege a aula diretamente, do que com o auxílio de um intérprete, que muitas vezes não sabe inglês. As observações feitas pelos participantes mostram claramente a lacuna existente na formação dos professores nas Universidades, onde se formam com práticas de ensino, porém não voltadas para todos os alunos e suas particularidades. A Libras, por mais que seja uma disciplina obrigatória na formação acadêmica, ainda se mostra muito rasa e superficial em seus conteúdos, não sendo suficiente para o professor adquirir a fluência necessária e transmitir seus conhecimentos aos alunos surdos.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada nos trouxe à tona questões que refletem a importância de uma boa base para o ensino de línguas adicionais para pessoas surdas. Entre os desafios para o ensino plurilíngue de alunos surdos levantados neste estudo, foram citados a falta de domínio por parte dos alunos surdos de sua própria língua materna (Libras), o escasso conhecimento da Libras e da cultura surda por parte dos professores de língua estrangeira, a falta de materiais adaptados e o fato de o ensino do idioma estrangeiro estar sempre associado ao Português, e não à Libras. Desta forma, as escolas deveriam investir no ensino de Libras como língua materna dos alunos surdos desde sua inicialização escolar, para que, a partir dela, possam estar mais preparados para receber o ensino de qualquer outro idioma. Além disso, professores capacitados e que soubessem Libras se tornariam mais eficientes no ensino de qualquer disciplina. É de responsabilidade dos professores garantir que seus alunos tenham

material adaptado às suas capacidades e potencialidades, o que inclui materiais que ensinem Inglês a partir da Libras e tenham o uso de imagens ou jogos mais dinâmicos, como foi sugerido pelos participantes das entrevistas.

Essas adaptações vão sem dúvida beneficiar não apenas os alunos surdos, mas também os ouvintes pois podem desenvolver neles um desejo de aprender mais sobre a Libras, o que trará benefícios a longo prazo, principalmente no que diz respeito à educação. Alguns surdos podem aprender o inglês, assim como qualquer outro idioma, desde que as barreiras para este ensino sejam superadas. Deixamos aqui um questionamento: De que forma as Políticas Públicas podem contribuir para que os direitos dos surdos por uma educação com equidade sejam garantidos?

REFERÊNCIAS

Agência Câmara de Notícias. **Projeto inclui conteúdo de Libras nos currículos da educação básica.** Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/912200-PROJETO-INCLUI-CONTEUDO-DE-LIBRAS-NOS-CURRICULOS-DA-EDUCACAO-BASICA>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** Campinas: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O português como língua não materna: Concepções e contextos de ensino.** UnB: 2009.

ÁVILA, R.; MASCARENHAS, F. **Trabalho de Conclusão de Curso I.** In: Módulo 7 – Curso a Distância Educação Física. Ministério da Educação. Universidade Aberta do Brasil – UAB. 2011.

BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAPOVILLA, F. C. **O surdo deve ser educado no idioma materno e por meio dele.** Estadão, 2011. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-surdo-deve-ser-educado-no-idioma-materno-e-por-meio-dele-imp-,737415>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

DECLARAÇÃO de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade. Salamanca, 1994. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em 01/07/2023.

DORZIAT, A. **Estudos surdos: diferentes olhares.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

LACERDA, C. B. F. de. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e professor ouvinte - examinando a construção do conhecimento.** Campinas, 1996, 153 f. Tese (Psicologia da Educação). Universidade Estadual de Campinas, 1996.

LACERDA, C. B. F. de. SANTOS L. F. CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: In: HARRISON, K. M. P.; LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B.; GOES, A. M.; KOTAKI, C. S.; CAETANO, J. F.; SANTOS, L. F.; CAMPOS, M. L. I. L.; MOURA, M. **Língua brasileira de sinais - Libras: uma introdução.** São Carlos: UFSCar, 2011. p. 103-116.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e educação.** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

OLIVEIRA, D. F. A. **Professor, tem alguém ficando para trás!** As crenças de professores influenciando a cultura de ensino/aprendizagem de LE de alunos surdos. Dissertação de Mestrado. UNB: Brasília, 2007.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P: **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC/SEESP, 2006.

ROSA, F. S. **Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos.** *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, nº 2, p. 58-64, jun. 2006.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. (2009). **Educação linguística e aprendizagem de uma língua adicional na escola.** In: *Referencias curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias.* Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação/Departamento Pedagógico.

SCHNEIDER, R. **Educação de surdos: inclusão no ensino regular.** Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SOUSA, A. N. de. **Abordagem comunicativa e abordagem bilíngue: uma articulação para o ensino de língua inglesa para surdos.** In: QUADROS, R. M. de; WEININGER, M. J. (Org.). *Estudos da língua brasileira de sinais III.* Florianópolis: Editora Insular, 2014.

SOUZA, R. M.; GÓES, M. C. R. de. **O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão.** In: SKLIAR, Carlos (Org). *Atualidade da educação bilíngue para surdos.* Porto Alegre: Mediação, 1999.

SPASIANI, M.V. **Ensino de inglês para alunos surdos: materiais didáticos e estratégias de ensino.** Programa de Pós-Graduação Em Linguística - Universidade Federal De São Carlos - UFSCAR, 2018, 216 páginas. São Carlos - SP, 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, D. L. P.; BRITO, W. A. de. **Ensino de português como segunda língua para surdos: planos e estratégias de biletamento.** Anápolis (GO), IFG / ProfEPT, 2021.